

FUTEBOL: UM FENÔMENO HISTÓRICO MULTIDIMENSIONAL

Autor: Gustavo Amorim Rodrigues*

Orientador: Carlos Alberto Pereira Silva*

Desde o surgimento da Escola dos Annales em 1929, os estudos históricos vem se desenvolvendo, em oposição à história de modelo positivista, de formas jamais pensadas por seus fundadores como Marc Bloch, Lucien Febvre e outros analistas históricos. Essa nova forma de abordagem histórica vai dar ênfase a um novo tipo de pensamento historiográfico. Antes da emergência das gerações dos Annales a abordagem sobre a história era predominantemente dominada pela corrente positivista, que implementou vários tipos de trabalhos históricos pautados em documentos escritos como fonte da verdade, dando destaque às histórias dos grandes homens, nas questões políticas e na história dos eventos de curta duração.

Com a fundação da Escola dos Annales surgiram novas formas de abordagens históricas e novos objetos, que passaram a acolher novos tipos de fontes, tais como: músicas, palavras, pinturas e fotografias. Além disso, os estudos históricos acolheram como fontes os relatos orais que transmitem novas e complementares informações acerca dos diversos temas estudados por historiadores. Ao contribuírem para ampliação do entendimento da história, as fontes orais serviram e servem para confrontar ou até completar informações silenciadas pelo documento escrito.

Nesse contexto, as histórias do cotidiano, do oprimido, dos vencidos, da economia, das linguagens e dos eventos de longa duração, como a história das mentalidades, ganham destaque, confirmando que todas as ações humanas fazem parte da história ou como dizem alguns autores, são a própria História.

A “Escola dos Annales”, ampliou a noção de documentos a partir de uma outra concepção de história. Para esses historiadores o acontecer histórico se faz a partir das ações dos homens. Daí o conhecimento histórico se produzir “com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser homem”.¹

* Graduando em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

*Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Coordenador do Laboratório Transdisciplinar de Estudos em Complexidade.

A terceira geração dos Annales vem romper com a primeira e segunda geração, pois, eram mais contaminadas pelo modelo de ciência moderna, que acreditava numa história total, defendida principalmente por Marc Bloch. Na terceira geração, podemos perceber que novos temas foram incorporados pelos historiadores, como o estudo das mulheres e dos pobres: esse segmento vai ser chamado também de História Cultural.

Os diversos campos do saber vão estar numa relação interdisciplinar, envolvidos pela História, Antropologia, Ciências Sociais, Geografia e Filosofia. Este movimento foi liderado por Jacques Le Goff, Pierre Nora, Michel de Certeau, contando com o auxílio das reflexões do filósofo Michel Foucault que vinha contestando e promovendo discussões sobre a história e as relações humanas.

Após este breve comentário sobre história e historiografia, cumpre apresentar a reflexão teórica acerca do projeto que vem sendo desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, cujo tema é o futebol como manifestação cultural: aspectos políticos e econômicos na cidade de Poções. Dentro do curso de História, ainda há uma relativa dificuldade em trabalhar esse tema, por ser ainda carente de atenção pela maioria dos historiadores. Entretanto, em outras áreas do conhecimento, a quantidade de pesquisadores que tem buscado estudar o fenômeno do esporte futebolístico tem aumentado. Dentre esses pesquisadores estão inseridos profissionais da sociologia, da educação física, da antropologia, entre outros.

Na História, uma obra importante sobre o futebol é o livro “A dança dos deuses” de Hilário Franco Júnior. Esta obra, escrita por um historiador, constitui-se numa fonte essencial para o entendimento do tema. Como diz Hilário Franco Júnior: “o futebol é muito jogado, porém pouco pensado”. Essa é uma afirmação pertinente que questiona a falta de pesquisas sobre o futebol, um tema multidisciplinar que envolve as emoções dos praticantes e torcedores e movimentação a economia, sem contar sua vinculação com a política, entre outros aspectos.

O futebol foi e é um esporte muito praticado em todo o mundo, desde a invenção por parte dos ingleses e a tentativa de uniformização desse esporte, a partir de 1848, nas escolas de Cambridge. Este esporte, que foi usado inicialmente pelo governo inglês para recrutar ou disciplinar as pessoas com um caráter elitista, se transformou em um dos esportes mais democráticos e acessíveis às pessoas de todos os segmentos sociais.

Surgido na Inglaterra, no século XIX, esse esporte ganhou notória repercussão por todo o mundo. Para que tenhamos uma idéia de sua ampla propagação, a FIFA chegou a ter mais países filiados em sua organização do que a ONU, como afirma Julis Rimet: “Império onde o sol nunca se põe”². O interessante é que a Inglaterra foi palco da Revolução industrial e do futebol: ambos possuem caráter de competitividade e produção, na busca do melhor, do mais forte, do corpo sadio e do belo. Os ingleses mantiveram por muito tempo o monopólio da prática desse esporte, no qual não se permitia a prática pelos povos colonizados, os ditos “nativos”.

O caráter elitista era evidente entre os praticantes ingleses, pois faziam parte de um segmento social dito, civilizado. A partir de 1870, esse esporte começou a ser praticado por operários ingleses, e em 1885 foi aprovada a sua profissionalização. A relação do futebol com as indústrias era evidente. Times eram compostos por operários que nas horas de folga praticavam esse esporte, formando equipes com nomes de indústrias siderúrgicas, de armamentos e ferrovias, como por exemplo, Westhan, Manchester e Arsenal.

O olhar sobre o futebol foi mudando durante o tempo. Inicialmente esse esporte visava apenas disciplinar determinados grupos ingleses, agora a questão de marketing e economia se faz presente nos interesses dos donos de determinadas indústrias.

Durante as guerras mundiais esse esporte começou a ser praticado pelos soldados entre os momentos de folga ou tréguas. Essa prática foi sendo estimulada, com a difusão do esporte pelos ingleses. O contato dos ingleses com outros povos contribuiu para a difusão, muitas vezes contra a vontade dos mesmos, da prática deste esporte entre muitos povos. É nesse momento que cada país vai desenvolver uma forma de se lidar com o esporte, com suas próprias características e estilos de jogo. Segundo Hilário Franco Júnior:

A Inglaterra ia sendo obrigada a reconhecer a crescente participação de outros países. Mesmo não tendo colaborado na fundação da FIFA [...] ingressou nela pouco depois, para, contudo se afastar em 1920 (porque não aceitava a participação dos países vencidos na primeira guerra) retorna em 1924, retira-se em 1928 e volta apenas em 1946³.

Esse esporte acaba fazendo parte da cultura mundial. Sabemos que é difícil termos o conceito de cultura definido, porém sabemos que se pode entender cultura como uma manifestação social de determinado lugar e determinado público. Segundo Sandra Jatahi:

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa.⁴

Dentro da cultura de uma forma geral, as relações políticas e econômicas são integrantes dessa manifestação e o futebol foi inserindo-se nesse processo, no qual instituições políticas se aproveitam do esporte para passar uma imagem e construção de uma identidade nacional, no intuito de agrupar todos os segmentos sociais em uma única esfera social. Essa idéia que propaga a união nacional em torno do futebol vem sendo difundida no Brasil, desde o Governo Vargas, devido o futebol ser um esporte que mexe com grandes públicos, possuidor de emoções, medos e expectativas. Assim percebemos que a política institucional vai tentar se aproveitar disso, tentando usar esse esporte para tirar o enfoque de uma crise, de uma guerra e das mazelas sociais enfrentadas por suas nações. Por quase sempre, o futebol esteve associado ao nacionalismo, alguns autores vão dizer ser este esporte o ópio do povo.

O caso brasileiro é, talvez, ainda mais marcante. Ao longo de um ano comum poucas vezes se vê a bandeira ou se ouve o hino nacional. Em ano de copa do mundo bandeiras são numerosas tanto em edifícios e casas luxuosas quanto em construções humildes e barracos de favela.⁵

É evidente que no Brasil esse espírito de identidade nacional se fez presente desde a difusão dessa prática no país, quando se permitiu a prática por outros segmentos sociais abaixo das elites, que foram os primeiros segmentos a praticar esse esporte no país. Alguns trabalhos acadêmicos vêm estudando o elitismo do esporte em seu início, porém o fascínio desse esporte é tão imaginável que essa prática foge as diversas regras e se difunde por todos os segmentos sociais.

O ingresso das classes populares na esfera do futebol vai acontecer no Brasil com o time do Bangu, em 1904, no Rio de Janeiro. Ali se forma um time de operários muito contestados por praticar esse esporte, um esporte totalmente de brancos e das classes médias. Até a sua profissionalização ocorreram diversos embates entre os integrantes da sociedade como foi à incorporação de negros nesse esporte que foram muito discriminados. Exemplo disso foi o famoso “pó de arroz” usado por Carlos Alberto, jogador do Fluminense em 1914, para se embranquecer com o intuito de ser aceito no esporte. Outro fato importante é que nos anos 50 a própria FIFA era contra a prática do esporte pelas mulheres, pois dizia que biologicamente era impossível a

prática desse esporte por tal sexo. São vistas aí as ideologias praticadas por instituições, criando resistência para a inserção de negros, mulheres e operários no futebol brasileiro. Fato que pode ser observado num periódico lançado no Rio de Janeiro dizendo que o futebol só poderia ser praticado por pessoas da mesma cultura e educação, porque jogar futebol com um operário era um suplício, um sacrifício.⁶

Enquanto manifestação da cultura, o futebol reflete as sociedades que são permeadas por anseios, conquistas e contradições sociais, “O futebol seria assim um espaço onde a sociedade simbolicamente se expressa, manifesta-se, deixando descobrir-se”.⁷

Como já foi dito o futebol, envolvido no espírito de identidade nacional, foi apropriado pela política institucional desde sua difusão de forma geral no mundo e em especial no Brasil. Outro aspecto importante no qual ele se inseriu foi na economia. No Brasil e no mundo, alguns clubes de futebol foram formados, com o intuito de obtenção de lucros e visibilidade por parte das empresas criadoras. Além disso, ao gerar um comércio que movimenta cifras astronômicas, o futebol reproduz-se com os altos investimentos feitos por instituições privadas como a Nike, e a Adidas e pela valorização financeira de jogadores que alcançaram um valor aquisitivo muito grande, como: Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo o fenômeno, Zinedine Zidane, David Beckham entre outros. Ou seja, a mercantilização do futebol é parte integrante da dinâmica de reprodução do capitalismo.

Com o sucesso alcançado por jogadores que ganham muito dinheiro e que alcançam a fama, a prática do futebol acaba servindo de influência para novos adeptos que visam conseguir status individuais. Essa tendência diferencia-se dos anos 30, no qual a mercantilização não era predominante e era cultivado entre o povo o sentimento de identidade nacional. Naquele tempo quando a seleção brasileira perdia uma copa, era como se o Brasil perdesse uma guerra comovendo todo o país. Essa realidade sofreu uma mudança, especialmente, a partir da copa de 1994, na qual com o título conquistado pelo Brasil, não foi à seleção que ganhou enfoque como grupo e sim alguns indivíduos que se destacaram na competição. A imprensa falava mais de Romário e Bebeto do que da seleção como um todo. Neste contexto, jogadores como estes adquirem muito status e inicia-se uma nova era da apropriação do esporte pelo capitalismo, no qual é adotado o estilo modernizante de futebol-empresa. Segundo Ronaldo Helal e Cesar Gordon:

Se no início dos anos 30, as forças “modernizantes” defendiam a profissionalização dos jogadores como solução para libertar o futebol de uma “crise”, hoje a tendência é no sentido da profissionalização dos dirigentes e na adoção do modelo denominado futebol-empresa.⁸

Os investimentos nos estádios e nos clubes vão ser altíssimos, a política do consumismo vai ser empregada de forma muito forte, a exposição das marcas através da televisão vai gerar grandes investimentos e lucros nos clubes, os desníveis entre as agremiações vão ser evidentes contribuindo para o acirramento das rivalidades. Exemplo dessa apropriação do futebol pela lógica mercantil foi a existência do Palmeiras da Parmalat e do Corinthians da MSI, entre outros. Atualmente, as marcas são associadas aos clubes de uma forma instantânea.

Mas o futebol não poderia ficar imune ao contexto capitalista em que nasceu e cresceu. Sobretudo nas últimas décadas, com a participação crescente da televisão. Foi ela que confirmou o futebol como importante produto da sociedade de consumo e modificou a realidade financeira do setor.⁹

Com este panorama sobre as relações do futebol com a sociedade e as mudanças ocorridas durante o tempo de sua difusão no Brasil, é notório que esse esporte tomou proporções jamais imaginadas por seus fundadores. Por ser um esporte tão fascinante que move emoções tão fortes, envolvendo a dimensão simbólica e o imaginário, esse esporte difunde-se também no estado da Bahia, chegando também às cidades interioranas através do futebol amador.

O futebol se faz presente em Poções desde muito antes da década de 80 do século XX. Sabemos através de depoimentos que esse esporte já tinha força e era representado por diversos times amadores locais, como o Atlético, Grêmio, Ajax, e outros. Entretanto no trabalho de pesquisa, enfocaremos a partir de 1980, pois foi a partir desta data que surgiu o Esporte Clube Poções. Fundado em 08 de janeiro de 1985, o Esporte Clube Poções foi campeão do campeonato baiano da segunda divisão em 1993, conseguindo o acesso à primeira divisão. A partir daí, o time propagou o nome da cidade em diversos lugares do Brasil. Esta cidade pequena e pobre do interior da Bahia passou a ser conhecida por muita gente depois da ascensão do time. O seu estádio Heraldo Curvelo, popular Heraldão, recebia na grande maioria dos jogos muitos torcedores, chegando até 7 mil pessoas que é um público grande comparado a sua população urbana. Também a economia da cidade foi movimentada, através do

comércio de alimentos, dentro e fora do estádio, da compra de camisetas do time e do grande movimento em hotéis da cidade.

O sistema político sempre fez diversos usos do futebol, muito evidente na era Vargas e na Ditadura Militar. Através da ativa presença nas administrações dos clubes, temos na Bahia o exemplo de Paulo Maracajá que foi presidente do Esporte Clube Bahia e Deputado Estadual. Em Poções o estádio tem o nome do filho do prefeito da época, Luiz Heraldo Duarte Curvelo, que seria candidato a prefeito na eleição em 1988.

È evidente que o Esporte Clube Poções é um dos exemplos, em nosso estado de um time que esteve no auge e foi apropriado por segmentos políticos. No desenvolvimento da pesquisa, buscaremos demonstrar que, apesar de todas as adversidades encontradas pelos segmentos de uma cidade com uma economia e política de pequeno porte, o esporte se difundiu em proporções inimagináveis contribuindo para o alargamento das manifestações culturais, de perfil coletivo, no cotidiano da cidade de Poções.

Enfim, a complexidade na abordagem desse esporte é evidente porque, ao fazer parte da cultura de massas, o futebol move emoções, causa frustrações, gera anseios, possibilita conflitos e mexe com o imaginário das pessoas. Isto tudo nos impulsiona a estudar, pesquisar e conhecer mais acerca deste fenômeno tão presente na história da sociedade local, regional, nacional e mundial.

Notas:

¹ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria. *A Pesquisa em História*. 4ª ed., São Paulo: Editora Ática. (Série Princípios). 2003, pp. 14-15.

² FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp. 23-24.

³ Ibid. p. 48.

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15

⁵ FRANCO, op. cit. p. 175

⁶ Cf. FRANCO, p. 63

⁷ RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. Maringá: *Revista da educação física/ UEM*, v. 11 n.1p. 167-172, 2000.

⁸ RONALDO, Helal & GORDON, Cesar. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. Rio de Janeiro: *Revista ECO-POS*, v. 5 n.1p. 37-55, 2002.

⁹ FRANCO, op. cit. p.181.